

# OS RELATÓRIOS DO *COUNCIL ON AMERICAN-ISLAMIC RELATIONS*, ISLAMOFOBIA PROFISSIONAL E INDÚSTRIA DA ISLAMOFOBIA NOS EUA

## *THE REPORTS OF THE COUNCIL ON AMERICAN-ISLAMIC RELATIONS, PROFESSIONAL ISLAMOPHOBIA AND THE ISLAMOPHOBIA INDUSTRY IN THE USA*

---

Felipe Freitas de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** Após os atentados de 11 de setembro de 2001, cresce significativamente, ano a ano, os relatos de episódios envolvendo preconceito e crimes de ódios contra muçulmanos tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Enquanto resposta da comunidade muçulmana estadunidense a tais violências, foi criado o *Council on American-Islamic Relations* (“Conselho de Relações Americanas-Islâmicas”), entidade não-governamental que visa a denunciar tais episódios através de relatórios e análises da progressão do preconceito antimuçulmano e anti-islã. Em seus relatórios são repertoriados os casos relatados tanto pela mídia quanto os enviados para análise do CAIR, oferecendo dados para estudos e leituras posteriores acerca dos muçulmanos e os preconceitos que sofrem nos EUA. Os dados compilados surgem no contexto do combate à islamofobia, explanando tanto sobre as violências que os muçulmanos sofrem quanto as representações dos muçulmanos acerca do Ocidente. Apresentamos alguns dos principais resultados elencados por relatórios de múltiplas metodologias. Concluimos indicando a necessidade de se estudar tal fenômeno de maneira sistemática, tanto no âmbito da sociedade civil organizada quanto academicamente, em contexto brasileiro, a partir de metodologias e iniciativas como o CAIR.

**Palavras-chave:** islamofobia; *Council on American-Islamic Relations*; EUA; islã; muçulmanos.

**Abstract:** Following the attacks of 11 September 2001, reports of episodes involving prejudice and hate crimes against Muslims in Europe and the United States have grown significantly year after year. As a response from the American Muslim community to such violence, the Council on American-Islamic Relations was created, a nongovernmental entity that aims to denounce such episodes through reports and analysis of the progression of anti-Muslim and anti-Islam prejudice episodes. In their reports, the cases shown by both the

---

Artigo submetido em 30/08/2017. Aprovado em 10/10/2017.

<sup>1</sup> Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e mestrado em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Atualmente é aluno no Instituto Latino Americano de Estudos Islâmicos. E-mail: felipefdes@gmail.com

media and those sent to analysis for CAIR are listed, providing data for further studies and readings about Muslims and the prejudices they suffer in the United States. The data compiled appear in the context of the fight against Islamophobia, explaining as much about the violence that the Muslims suffer as the representations of the Muslims about the West. We present some of the main results listed by reports that use multiple methodologies. We conclude by indicating the need to study this phenomenon in a systematic way, both within organized civil society and academically, in a Brazilian context, based on methodologies and initiatives such as CAIR.

**Keywords:** islamophobia; Council on American-Islamic Relations; USA; Islam; Muslims.

## Introdução

Após os atentados de 11 de setembro, a apreensão negativa dos estadunidenses sobre o islã e os muçulmanos aprofundou-se, levando a visões negativas dos muçulmanos por segmentos expressivos da população. A política internacional estadunidense também se alterou, sendo exercido em alguns países um neoimperialismo cujo mote era a Guerra ao Terror (GREEN, 2015). No plano doméstico, houve o aumento dos crimes de ódio direcionados aos muçulmanos (LEAN, 2012, p. 39; GREEN, 2015, Cap. 3), surgindo inclusive organizações dedicadas exclusivamente à produção de discursos antimuçulmanos e anti-islã. Isso ocorre porque “grande parte do discurso Ocidental sobre o Islã confunde as ações de uma minoria com a maioria dos muçulmanos. Essa confusão é também um dos blocos fundadores da Islamofobia”<sup>2</sup> (GREEN, 2015, p. 4). Deste modo, a confusão entre o islã (religião) e o islamismo (tentativa de obter ganhos políticos e mundanos a partir da mobilização da retórica religiosa) (cf. TODOROV, 2010, p. 112) é uma tônica dos discursos islamofóbicos.

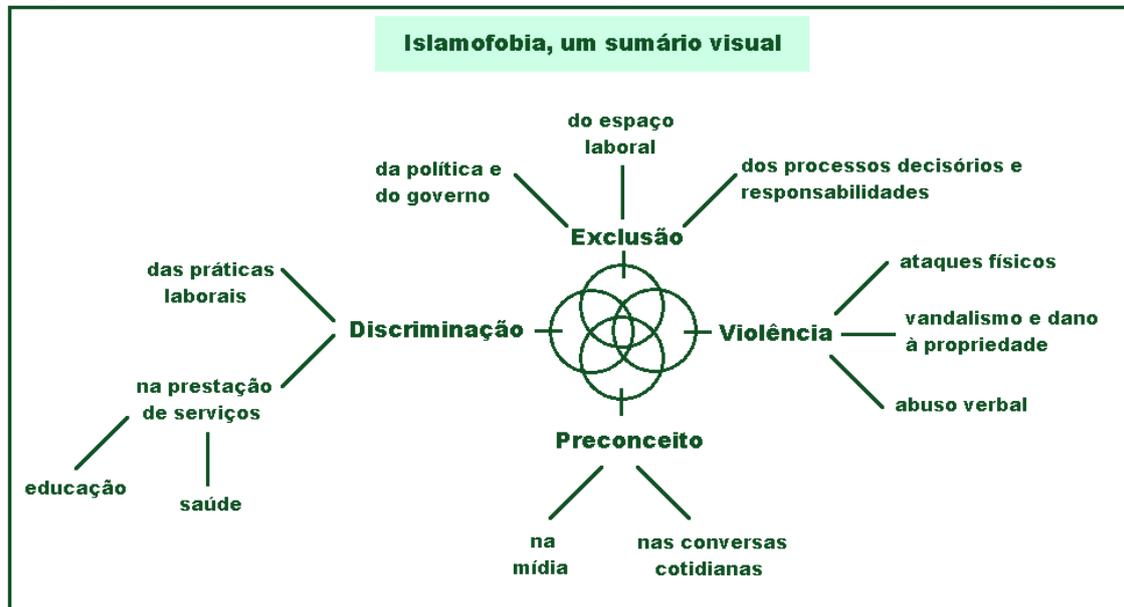
Para além de quaisquer definições acadêmicas sobre a islamofobia, o fato é que muçulmanos são constantemente assediados, depreciados ou violentados, tendo suas escolhas religiosas como fatos deflagradores de estratégias de preconceito. Já no ano de 1997, o *The Runnymede Trust*, em seu relatório *Islamophobia: a challenge for us all*, sintetizava a islamofobia em um sumário visual (figura 1). Tais elementos constitutivos do preconceito contra muçulmanos, elencados anos antes dos eventos de 11 de setembro de 2001, são apreensíveis nos dados arrolados pelo *Council on American-Islamic Relations*

---

<sup>2</sup> Tradução livre de: “much of the Western discourse about Islam conflates the actions of a minority with the majority of Muslims. This conflation is also one of the building blocks of Islamophobia” (GREEN, 2015, p. 4).

(CAIR, “Conselho de Relações Americanas-Islâmicas”) em seus relatórios e demais produções.

Figura 1: Islamofobia, um sumário visual. Fonte: tradução de THE RUNNYMEDE TRUST, 1997, p. 11.



No presente artigo serão considerados os relatórios do CAIR a partir de 2001, visando explicar as apreensões mais contemporâneas sobre a islamofobia<sup>3</sup>. Essa escolha justifica-se pelos atentados de 11 de setembro formarem o grande evento-gatilho (GREEN, 2015) estadunidense<sup>4</sup> para a difusão da islamofobia tanto *online* quanto *offline* — enquanto fenômeno contemporâneo, o estudo das estratégias de preconceito antimuçulmanos e anti-islã deve considerar essas duas dimensões, uma vez que se estimulam mutuamente e se retroalimentam (AWAN; ZEMPI, 2015).

## 1. Os relatórios do CAIR

<sup>3</sup> Para uma compreensão da percepção dos direitos civis dos muçulmanos imediatamente ao atentado em Oklahoma (1995), consultar o relatório *The status of muslim civil rights in the United States* (CAIR, 1996).

<sup>4</sup> Outros episódios de violência nos quais associou-se o terrorismo aos muçulmanos, como os ocorridos em Londres e Madrid, ou mesmo a polêmica dos quadrinhos dinamarqueses que procuravam representar o Profeta Muhammad, dispararam episódios de islamofobia, seja no continente europeu, seja nos Estados Unidos. Seriam outros eventos-gatilho (GREEN, 2015). Suas repercussões poderão ser identificadas em outros estudos; todavia, limitamos o escopo do presente texto ao pós-11 de setembro por conveniência.

Na elaboração dos relatórios, o CAIR optou por diferentes metodologias e abordagens, focando os vários elementos relativos ao preconceito contra muçulmanos. De acordo com o CAIR, “[a] islamofobia é um preconceito / estreitamente mental ou o ódio contra o Islã e os muçulmanos. Um islamofóbico é um indivíduo que mantém uma visão fechada do Islã e promove o preconceito ou o ódio contra os muçulmanos”<sup>5</sup> (CAIR, [s.d.]). Tal conceito é primeiramente apresentado no relatório do *The Runnymede Trust* e então apropriado pelo CAIR. A seguir, cada relatório será abordado especificamente, objetivando tanto identificar suas principais contribuições quanto elucidar aspectos metodológicos para suas formulações.

O primeiro relatório considerado é o *The Mosque in America* (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001), prévio aos atentados de 11 de setembro — apresentado em abril do mesmo ano — e que delinea características dos muçulmanos antes de tais eventos. O relatório apresenta os principais dados do *Mosque Study Project 2000*, a maior pesquisa sobre as mesquitas que fora conduzida até aquele ano nos Estados Unidos. Trata-se do relatório de um projeto maior, o *Faith Communities Today*, que procurou contemplar a maioria das religiões nos EUA. Foram selecionadas 416 de 1.209 mesquitas identificadas previamente. O termo mesquita, para tal pesquisa, foi compreendido enquanto “organização que mantém oração de *Jum’ah* (oração de sexta-feira) e outras atividades islâmicas”<sup>6</sup> (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 2).

O relatório traça comparações com um relatório prévio, de 1994, apreendendo que houve um aumento, de 1994 a 2000, de 25% no número de mesquitas (de 962 para 1209), de 94% de frequência às orações de sexta-feira (de 150 para 292 pessoas na média), de 235% de associados por mesquita (de 485 para 1625) e de 300% de associados em todas as mesquitas (de meio milhão para dois milhões de associados). O relatório estima a existência de 6 a 7 milhões de muçulmanos nos EUA. Em relação à questão étnica, 33% das mesquitas são de sul-asiáticos, 30% de afro-americanos e 25% são de árabes — apesar de 90% das mesquitas terem a frequência de múltiplos grupos étnicos (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p.

---

<sup>5</sup> Tradução livre de: “Islamophobia is closed-minded prejudice against or hatred of Islam and Muslims. An Islamophobe is an individual who holds a closed-minded view of Islam and promotes prejudice against or hatred of Muslims” (CAIR, [s.d.]).

<sup>6</sup> Tradução livre de: “organization that holds *Jum`ah* Prayers (Friday Prayers) and other Islamic activities” (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 2).

3). Outro dado relevante é que 97% das mesquitas utilizam a língua inglesa nos sermões de sexta-feira (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 9).

Pelo relatório, tais mesquitas também apresentam inserções na sociedade para além da comunidade muçulmana, realizando visitas para a apresentação do islã, contatos com a mídia ou com líderes políticos e a participação ativa em diálogos inter-religiosos. Além disso, 70% das mesquitas apresentam alguma atividade voltada para os necessitados e cerca de um quinto delas possuem escolas de tempo integral para a comunidade (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 4) — ressaltando o papel secular das instituições para além da questão religiosa.

Quanto à etnia, a estimativa nacional de participantes nas orações de sexta-feira é de 159.588 sul-asiáticos, 135.408 de afro-americanos, 68.913 árabes, 15.717 africanos, 7.979 europeus, além de outros grupos étnicos como caribenhos, turcos, hispano-latinos etc. Apenas 7% das mesquitas possuem a frequência de um único grupo étnico (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 18-19). Ressaltamos que o maior índice de conversão se dá entre os afro-americanos do sexo masculino (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 21-22).

Das mesquitas, 87% existem desde a década de 1970 (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 23). Quatro quintos dessas mesquitas são localizadas em regiões metropolitanas, sendo o restante delas em área rural ou em cidades pequenas (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 25). Os valores éticos das mesquitas foram arrolados também, bem como as fontes de autoridade dos ensinamentos praticados pelos seus líderes e frequentadores:

O Alcorão e a *Sunnah* (Prática) do Profeta, os quais constituem os textos primários do Islã, por si só constituem a base da autoridade religiosa nas mesquitas. O próximo nível de autoridade religiosa é o ensinamento dos

*salaf* corretos (as três primeiras gerações após o Profeta) e as lições dos grandes estudiosos do passado, ambos constituindo o legado histórico do Islã clássico. A razão humana, a qual é usada pelos muçulmanos para interpretar os textos primários e secundários, constitui o próximo nível de autoridade religiosa. Próximos em autoridade à razão humana são as opiniões dos estudiosos e líderes contemporâneos. As *madhhab* ou escolas legais clássicas de pensamento recebem o menor grau de autoridade religiosa. Na verdade, a maioria das mesquitas classifica as *madhhab* como tendo pouca ou nenhuma importância. As mesquitas da América não se vêem vinculadas às escolas jurídicas clássicas.<sup>7</sup>

(BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 28-29. Grifos dos autores)

Sete em cada dez mesquitas optam por decisões embasadas em interpretações do Alcorão e da *Sunnah*, enquanto apenas duas em cada dez optam por leituras literalistas das fontes (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 29-30), o que contraria a apreensão de que a religião se reduz à aplicação literalista do Alcorão.

Em relação às atitudes frente à sociedade americana, teremos, em percentuais de concordância e discordância, as seguintes respostas para as questões abaixo:

**Tabela 1:** Atitudes da Sociedade Americana e suas Relações com o islã, em percentuais. Fonte: tradução de BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 31.

	<b>Fortemente concorda</b>	<b>Concorda</b>	<b>Discorda</b>	<b>Fortemente discorda</b>
A América é uma sociedade tecnologicamente avançada da qual podemos aprender	82%	17%	1%	0%
Muçulmanos devem se envolver em instituições americanas	77%	19%	2%	2%
Muçulmanos devem participar dos processos políticos	72%	17%	6%	5%
A América é um exemplo de liberdade e democracia da qual podemos aprender	35%	42%	14%	8%
A América é uma sociedade imoral e corrupta	28%	39%	27%	6%
A sociedade americana é hostil ao Islã	15%	41%	32%	12%

As mesquitas também possuem atividades escolares, principalmente as de grande porte, bem como de estudos islâmicos, aulas de árabe, atividades específicas para mulheres

<sup>7</sup> Tradução livre de: “The Qur’an and Sunnah (Practice) of the Prophet, which constitute the primary texts of Islam, alone form the basis of religious authority in mosques. The next level of religious authority is the teachings of the righteous salaf (the first three generations after the Prophet) and the teachings of great scholars of the past, both of which constitute the historical legacy of classical Islam. Human reason, which is used by the Muslim to interpret the primary and secondary texts, forms the next level of religious authority. Close in authority to human reason are the views of modern scholars and leaders. The madhhab or classical legal schools of thought receive the lowest rank in religious authority. In fact the majority of mosques rank the madhhab as having little or no importance. The mosques of America do not see themselves as being bound by the classical legal schools” (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 28-29. Grifos dos autores).

muçulmanas, aulas de memorização e recitação do Alcorão, atividades para jovens e para novos muçulmanos e aconselhamento marital — 92% das mesquitas apresentam ao menos uma dessas atividades de modo regular (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 38). Entre outras atividades desenvolvidas, estão: assistência financeira, programas para presidiários, assistência alimentar, alfabetização e programas de prevenção ao abuso de entorpecentes (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 42-43).

Em termos de liderança, a maioria possui líderes voluntários e quatro quintos possuem um *imam* (“líder religioso”) (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 45-46). Em relação aos seus processos decisórios: 59% delas realizam decisões em conselho (*majlis ash-shura*), 28% acatam as decisões do *imam* e 11% as decisões do líder comunitário (liderança institucional que não é liderança religiosa) (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 49).

As mesquitas associam-se às organizações nacionais e internacionais: cerca de 45% pertencem a algum tipo de federação, como a *Islamic Society of North America* (ISNA), *Muslim American Society*, *The National Community*, *The Islamic Circle of North America*, *Tablighi Jama-ah* e *Islamic Assembly of North America* (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 57). Em relação à questão financeira, as mesquitas africanas possuem as maiores dificuldades financeiras, enquanto as demais, mais de metade, declaram estar em situação financeira próspera (BAGBY; PERL; FROEHLE, 2001, p. 59).

Em seu relatório seguinte, *A Decade of Growth* (CAIR, 2004), que comemora a última década de trabalhos do CAIR, tem-se o relato dos maiores desafios e vitórias enfrentados pelo Conselho no período de 1994 a 2004. Se o relatório anterior visava apresentar dados quantitativos, esse visa relatar qualitativamente as ações do Conselho. Nas palavras dos seus fundadores (Omar Ahmad, Nihad Awad e Ibrahim Hooper), após o atentado de 11 de setembro, os não-muçulmanos passaram a viver com medo e apreensão dos muçulmanos, os quais sentiram-se sitiados pelo sentimento de suspeita perene (CAIR, 2004, p. 8). A ansiedade provocada pela difusão de uma “ameaça islâmica”, de finalidades mais políticas do que elucidativas, afeta muçulmanos que nada possuem em comum com terroristas, salvo a identificação superficial pelos meios midiáticos com base na visão fechada do “islã monolítico”; ou seja, como se a vivência do islã fosse a mesma independentemente do contexto.

A violência contra muçulmanos chega a ponto do CAIR, em 1999, enviar um comunicado às mesquitas para que instalem sistemas de monitoramento de perímetro e

segurança, dado o vandalismo contra as instituições islâmicas (CAIR, 2004, p. 32). Isso levou também a um aumento da capilaridade do CAIR, o qual passou a abrir escritórios em vários estados americanos objetivando um trabalho preventivo de educação e orientação perante o Islã e os muçulmanos.

Se por um lado cresceram as iniciativas do CAIR de diálogo interreligioso após o 11 de setembro, aumentou:

o volume da retórica anti-muçulmana nos meios de comunicação e no mundo político. A nova onda da Islamofobia é liderada por um campo de especialistas em preconceitos raciais e mercenários de interesses singulares que promovem suas próprias ideologias políticas ou teológicas pela propagação da desinformação sobre o Islã e os muçulmanos americanos.<sup>8</sup>  
(CAIR, 2004, p. 56)

A islamofobia disfarçada de “crítica ao Islã” seria um dos elementos retóricos mobilizados no discurso político para obter adesão de setores da sociedade e fortalecer posições no campo político (cf. LEAN, 2012 sobre a Indústria da Islamofobia e GREEN, 2015 sobre a Islamofobia Profissional):

Funcionários do CAIR declararam que tais incidentes em todo o país provavelmente são resultado da pressão da retórica anti-muçulmana por comentaristas de direita e líderes evangélicos que viram nos trágicos acontecimentos do 11 de Setembro uma oportunidade para atacar o Islã e seus líderes, o que foi exacerbado pelo fracasso dos líderes nacionais em desafiarem essa retórica.<sup>9</sup>  
(CAIR, 2004, p. 60)

O cenário de mobilização do discurso islamofóbico evidenciado acima atinge muçulmanos que historicamente, há muitas gerações, estão presentes na Europa e na América. O terceiro relatório, *Western Muslim Minorities* (CAIR, 2006a), apresenta uma introdução provocadora sobre a xenofobia contra os muçulmanos:

---

<sup>8</sup> Tradução livre de: “volume of anti-Muslim rhetoric in the media and political world. The new wave of Islamophobia is led by a camp of racially prejudiced pundits and special interest mercenaries who advance their own political or theological ideologies by propagating misinformation about Islam and American Muslims” (CAIR, 2004, p. 56).

<sup>9</sup> Tradução livre de: “CAIR officials stated that such incidents across the nation were likely the result of the barrage of anti-Muslim rhetoric by right-wing commentators and evangelical leaders who saw the tragic events of 9/11 as an opportunity to attack Islam and its leaders which was further exacerbated by the failure of national leaders to challenge that rhetoric” (CAIR, 2004, p. 60).

Há mais de mil anos, o discurso predominante na Europa e posteriormente na América tem sido o de entender os muçulmanos enquanto estrangeiros e o Islã como um "Outro". Apesar de 700 anos de presença civilizadora na Andaluzia ou na Espanha, apesar da Espanha islâmica ser "multicultural" mesmo antes da palavra "multicultural" ter sido inventada e apesar de uma *convivencia* exemplar de muçulmanos, cristãos e judeus que visaram não só conviverem uns com os outros, mas também se beneficiando da presença mútua. Apesar das contribuições muçulmanas terem um papel crucial na criação de uma civilização na Europa, tão elevada quanto o Império Romano e o Renascimento Italiano, o Islã e os muçulmanos são, na Europa e na América, submetidos a suposições estereotipadas e pronunciamentos equivocados em relação às suas crenças, atitudes e costumes.<sup>10</sup>

(CAIR, 2006a, p. 1)

O relatório propõe que seja abandonada a retórica de “islã contra o Ocidente” pela de “islã no Ocidente”, afirmando que o islã não é algo estrangeiro, mas sim parte do Ocidente. A ideia de um islã monolítico também é criticada, uma vez que a ideia de um Ocidente monolítico seria tão irreal quanto àquela de um islã homogêneo. Enquanto contraponto a essa visão fechada, relata-se que os muçulmanos, quando minorias, podem basear-se em jurisprudência específica (a *fiqh al-aqalliyat*) nesses países de população islâmica minoritária, devendo os residentes nesses locais respeitarem os acordos e tratados realizados, como a Constituição do país no qual se encontram (CAIR, 2006a, p. 2), por exemplo.

Também é relatado o crescimento das instituições islâmicas: os muçulmanos nos Estados Unidos passaram a se mobilizar em quase duas mil organizações no final do século XX. De acordo com o relatório,

A comunidade muçulmana americana é singular em sua diversidade. Trinta e seis por cento dos muçulmanos americanos nasceram nos Estados Unidos, enquanto 64% nasceram em 80 países diferentes ao redor do mundo. Nenhum outro país tem uma diversidade tão grande de muçulmanos. A comunidade muçulmana americana é, portanto, um microcosmo do mundo muçulmano. Ela contempla todas as escolas

---

<sup>10</sup> Tradução livre de: “For over a thousand years now, the discourse primarily in Europe and subsequently in America has been to view Muslims as outsiders and Islam as the “other.” Despite 700 years of civilizing presence in Andalusia or Spain, and despite Islamic Spain being “multi-cultural” even before the word “multi-cultural” was invented, and despite an exemplary *convivencia* of Muslims, Christians, and Jews managing to not only get along with each other but to actually benefit from the presence of each other and despite Muslim contributions playing a significant part in creating a civilization in Europe that matched the heights of the Roman Empire and the Italian Renaissance, Islam and Muslims remain in Europe and America embedded in stereotypical assumptions and misguided pronouncements regarding beliefs, attitudes and customs” (CAIR, 2006a, p. 1).

religiosas de pensamento, tendências intelectuais, ideologias políticas e movimentos islâmicos.<sup>11</sup>

(CAIR, 2006a, p. 2)

Um dado relevante é o de que 58% desses muçulmanos acreditam que indivíduos, empresas ou organizações religiosas sofreram discriminação desde o 11 de setembro (CAIR, 2006a, p. 3). O relatório também cita dados do *Pew Forum on Religion and Public Life*, da *ABC News*, dos relatórios anteriores do CAIR e da *Cornell University* para demonstrar o crescimento do preconceito contra muçulmanos através da suspeita dos não-muçulmanos em associação à ideia de que o islã estimularia a violência (CAIR, 2006a, p. 3-4).

Apesar dessas suspeitas, a identidade dos muçulmanos americanos seria formada pela tensão de três círculos identitários: étnico, religioso e de cidadania americana. Todavia, estão encontrando, de acordo com o relatório, por meio da aplicação do pensamento crítico (*ijtihad*) tanto sobre o Alcorão quanto sobre a *sunnah* (“os exemplos do Profeta Muhammad”), os pilares sobre os quais diminuir a tensão advinda da intersecção dessas identidades, refletindo sobre questões contemporâneas como a democratização, igualdade de gênero, direitos de minorias, tolerância religiosa, livre pensamento e justiça social (CAIR, 2006a, p. 4). Enquanto tendência geral, “a comunidade americano-muçulmana está começando a institucionalizar seus esforços para integrar-se com a esperança de que tal integração leve a uma maior aceitação”<sup>12</sup> (CAIR, 2006a, p. 5).

Relativamente à Europa, o relatório aborda a diferença entre a presença muçulmana na América e nos países colonialistas europeus, repertoriando as etnias que fluíram para as metrópoles. Afirma ainda que, “[n]a América, a comunidade muçulmana é majoritariamente composta por membros da classe média, como médicos, engenheiros e acadêmicos. Isso traz à comunidade uma maior confiança social e um senso positivo de pertencimento”<sup>13</sup> (CAIR, 2006a, p. 5). Por outro lado, “[n]a Europa, em geral, a comunidade é composta em sua maioria pelas classes trabalhadoras. Muitos vivem em bairros semelhantes a guetos,

---

<sup>11</sup> Tradução livre de: “The American Muslim community is unique in its diversity. Thirty-six percent of American Muslims were born in the United States, while 64 percent were born in 80 different countries around the world. No other country has such a rich diversity of Muslims. The American Muslim community is thus a microcosm of the Muslim world. It includes all religious schools of thought, intellectual trends, political ideologies and Islamic movements” (CAIR, 2006a, p. 2).

<sup>12</sup> Tradução livre de: “the American-Muslim community is beginning to institutionalize their efforts to integrate hoping that such integration leads to greater acceptance” (CAIR, 2006a, p. 5).

<sup>13</sup> Tradução livre de: “In America the Muslim community is largely composed of middle class doctors, engineers, academics. This gives the community a greater social confidence and a positive sense of belonging” (CAIR, 2006a, p. 5).

onde o sentimento de alienação é predominante”<sup>14</sup> (CAIR, 2006a, p. 5). Além disso, o relatório indica a presença difusa da comunidade de muçulmanos nos EUA enquanto na Europa estariam, em geral, concentrados em bairros. Todavia, independentemente se na Europa ou na América, o relatório indica a potencialidade dos muçulmanos ocidentais em promoverem outros aspectos do islã, que não sua associação ao terrorismo, e seu papel fundamental no diálogo intercultural:

O pesquisador europeu muçulmano Tariq Ramadan, em seu livro *Muçulmanos Ocidentais: isolamento ou integração?* observa que os muçulmanos ocidentais estariam mais propensos a desempenhar um papel decisivo na evolução do Islã em todo o mundo. Ao refletir sobre sua fé, seus princípios e sua identidade nas sociedades industrializadas e secularizadas, os muçulmanos ocidentais podem levar os muçulmanos a nível mundial a reconciliarem seu relacionamento com o mundo moderno.<sup>15</sup>

(CAIR, 2006a, p. 6)

O relatório conclui indicando o possível entendimento mútuo mediado pela presença dos muçulmanos no Ocidente. No caso estadunidense, seria mais fácil realizar tal integração, dado que os muçulmanos imigrantes estariam, mais do que os europeus, integrados à sociedade. O CAIR ainda afirma que a liberdade no Ocidente deve ser utilizada pelos muçulmanos para explorarem novas ideias e lidar com os desafios vigentes, indicando-se a relevância da participação cívica e da mobilização política. Desse modo, seria possível, pelo viés do diálogo e da convivência, escapar ao choque de civilizações tão alarmado pelos ideólogos anti-Islã (CAIR, 2006a, p. 6-7).

No quarto relatório consultado, *American Public Opinion about Islam and Muslims* (CAIR, 2006b), o CAIR objetivou repetir uma pesquisa de 2004 sobre as apreensões dos estadunidenses acerca dos muçulmanos. Tal pesquisa, conduzida em 2005, tem seus resultados apresentados neste documento, possuindo uma amostragem de 1001 entrevistas e uma margem de erro de +/- 3,1%. Os resultados indicam que um em cada quatro estadunidenses acreditam que o islã é uma religião que promove o ódio e a violência, sendo

---

<sup>14</sup> Tradução livre de: “In Europe, by and large, the community is largely working class or even the underclass. Many live in ghetto-like neighborhoods where feelings of alienation run very high” (CAIR, 2006a, p. 5).

<sup>15</sup> Tradução livre de: “European-Muslim scholar Tariq Ramadan in his book *Western Muslims: Isolation or Integration?* notes that Western Muslims are likely to play a decisive role in the evolution of Islam worldwide. By reflecting on their faith, their principles and their identity within industrialized, secularized societies Western Muslims can lead Muslims worldwide in reconciling their relationship with the modern world” (CAIR, 2006a, p. 6).

que um quinto dos entrevistados assumiu intolerância perante os muçulmanos (CAIR, 2006b, p. 1-2). Ao longo do relatório, demonstra-se que existe uma postura neutra perante os muçulmanos pela maioria dos entrevistados. Todavia, é perceptível ainda uma visão profundamente negativa dos muçulmanos. O relatório conclui que a população entrevistada possui, perante o islã e os muçulmanos, as seguintes posições: ambivalente 34%, tolerante 27%, pouco intolerante 22% e intolerante 17% (CAIR, 2006b, p. 8). O relatório termina por apontar um modo de melhorar a imagem dos muçulmanos, obtido a partir das entrevistas conduzidas:

Apesar da negatividade e da indiferença, a maioria dos entrevistados disse que mudariam suas visões se os muçulmanos americanos tomassem medidas mais enfáticas para condenar o terrorismo (69 por cento), se melhorassem o status das mulheres muçulmanas (68 por cento), se trabalhassem para melhorar a imagem dos Estados Unidos no Oriente Médio (63 por cento), se demonstrassem preocupação para com outros americanos (60 por cento) e se enfatizassem valores compartilhados com cristãos e judeus (59 por cento).<sup>16</sup>

(CAIR, 2006b, p. 9)

O relatório lançado também em 2006, *American Muslim Voters* (CAIR, 2006c), realiza uma descrição demográfica e atitudinal dos muçulmanos votantes — como se tomar partido político fosse uma efetiva forma de integração social. De acordo com o relatório, trata-se da primeira investigação sobre o tema nos EUA, com um universo de 1.000 respondentes e uma margem de erro de 3%. O relatório realiza uma discussão em maior profundidade dos dados que sintetiza, seguindo abaixo, os principais resultados:

Características amostrais do eleitor muçulmano americano:

- Jovens: cerca de 47% estão na faixa etária de 35-54 anos; outros 20% estão na faixa dos 25 a 34 anos.
- Altamente educados: 62% obtiveram um diploma de bacharel ou superior. Isso represente o dobro da média nacional comparável para os eleitores registrados.
- Profissional: cerca de 50% são profissionais liberais.
- Classe média: 43% têm renda doméstica de US \$ 50,000 ou superior.

---

<sup>16</sup> Tradução livre de: “Despite negativity and indifference, most respondents said they would change their view if American Muslims took measures to condemn terrorism more strongly (69 percent), to improve the status of Muslim women (68 percent), to work harder for improving America’s image in the Middle East (63 percent), to demonstrate concern for other Americans (60 percent) and to emphasize shared values with Christians and Jews (59 percent)” (CAIR, 2006b, p. 9).

- Orientados para a família: 78% são casados. Destes, 83% têm um ou mais filhos.
- Diversidade religiosa: apenas 31% frequentam alguma mesquita semanalmente; 16% frequentam uma ou duas vezes por mês; 27% disseram que raramente ou nunca comparecem. O maior segmento dos entrevistados afirmou considerarem-se "apenas muçulmanos", evitando distinções – como sunitas ou xiitas. Outros 36% afirmaram serem sunitas e 12% afirmaram serem xiitas. Menos da metade de 1% disseram que são *Salafi*, enquanto 2% disseram que são sufis.
- Integrados na sociedade americana: 89% disseram votar regularmente; 86% disseram que celebram o “4 de Julho”; 64% disseram que alçam a bandeira dos EUA; 42% disseram que se voluntariam para instituições que servem ao público (em comparação com 29% em todo o país em 2005).
- Democráticos ou independentes: não há uma maioria evidente na adesão aos partidos: 42% disseram que se consideram membros do Partido Democrata; 17% disseram que são Republicanos; 28% disseram que não pertencem a partido nenhum.

Percepções sobre diferentes assuntos:

- 84% disseram que os muçulmanos devem enfatizar fortemente os valores compartilhados com Cristãos e Judeus.
- 82% disseram que os ataques terroristas prejudicam os muçulmanos americanos.
- 77% disseram que os muçulmanos adoram o mesmo Deus que os Cristãos e os Judeus adoram.
- 69% acreditam que uma solução justa para a causa palestina melhoraria a visão da América no mundo muçulmano.
- 66% apoiam as ações que visem a normalização das relações com o Irã.
- 55% temem que a Guerra Contra o Terror tenha se tornado uma guerra contra o Islã.
- Apenas 12% acreditam que a guerra no Iraque foi um esforço proveitoso e 10% apoiam o uso do exército para disseminar a democracia em outros países.

(CAIR, 2006c, p. 1-2)<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Tradução livre de: “American Muslim voter sample characteristics: • Young: About 47% are in the 35-54 age group; another 20% are in the 25-34 age group. • Highly educated: 62% have obtained a bachelor degree or higher. This is double the comparable national figure for registered voters. • Professional: About 50% are professionals. • Middle class: 43% have a household income of \$50,000 or higher. • Family oriented: 78% are married. Of those, 83% have one or more children. • Religiously diverse: Only 31% attend a mosque on a weekly basis; 16% attend once or twice a month; 27% said they seldom or never attend. The largest segment of the respondents said they consider themselves “just Muslims,” avoiding distinctions like Sunni or Shia. Another 36% said they are Sunni and 12% said they are Shia. Less than half of 1% said they are Salafi, while 2% said they are Sufi. • Integrated in American society: 89% said they vote regularly; 86% said they celebrate the Fourth of July; 64% said they fly the U.S. flag; 42% said they volunteer for institutions serving the public (compared to 29% nationwide in 2005). • Democratic or independent: There is no clear majority in party membership: 42% said they consider themselves members of the Democratic Party; 17% said they are Republican; 28% said they do not belong to any party. Views on issues: • 84% said Muslims should strongly emphasize shared values with Christians and Jews. • 82% said terrorist attacks harm American Muslims. • 77% said Muslims worship the same God as Christians and Jews do. • 69% believe a just resolution to the Palestinian cause would improve America's standing in the Muslim world. • 66% support working toward normalization of relations with Iran. •

Por fim, a maioria dos respondentes (90%) afirmou ser contra a difusão da democracia pela força (CAIR, 2006c, p. 15). O relatório conclui indicando que os muçulmanos são uma força política relevante, que estão integrados à sociedade americana, celebrando ritos cívicos e participando dos processos democráticos (CAIR, 2006c, p. 17). A relevância política e eleitoral dessa população não deve, portanto, ser subestimada, assim como sua identidade não deve ser reduzida à religião.

No relatório *Same Hate, New Target* (CAIR, 2010), temos que as reflexões sobre a islamofobia devem se dar com pleno reconhecimento de que virtualmente cada minoria enfrentou ou ainda enfrenta discriminação nos EUA. O texto providencia um relato da vilificação histórica das minorias nos Estados Unidos: irlandeses, nativos americanos, negros, mulheres — todos tiveram campanhas de ódio especificamente direcionadas a eles (CAIR, 2010, p. 10). “Infelizmente, é um lugar comum para os grupos minoritários e seus líderes serem representados como ameaças e vilificados, mesmo pelo governo”<sup>18</sup> (CAIR, 2010, p. 10).

O relatório também realiza a distinção entre *atos islamofóbicos*, que visam o islã e os muçulmanos de modo geral, e a *discriminação antimuçulmana*, direcionada às instituições e aos indivíduos em específico, ou mesmo aos grupos de indivíduos (CAIR, 2010, p. 11). O CAIR ainda afirma que não se deve entender a islamofobia enquanto questionamento do islã ou dos muçulmanos ou mesmo a denúncia contra os crimes cometidos por indivíduos muçulmanos em nome do islã (CAIR, 2010, p. 11), dado que as críticas à religião e aos muçulmanos devem ser embasadas em dados honestos e que não distorçam a realidade extremamente complexa das comunidades (GREEN, 2015, em sua Introdução, defende que a crítica aos muçulmanos e ao islã se dê com base em dados concretos e comparativos).

Sobre os que promovem a islamofobia, o relatório afirma que:

Os promotores da islamofobia são aqueles indivíduos e instituições que se utilizam oportunamente de materiais islamofóbicos para promoverem suas próprias agendas. Esta agenda é, por vezes, de natureza anti-muçulmana, mas que pode ter outros objetivos. Esta categoria frequentemente inclui pessoas que almejam cargos públicos. Tais grupos são contemplados pelos meios de comunicação que fornecem uma plataforma de legitimação para

---

55% are afraid that the War on Terror has become a war on Islam. • Only 12% believe the war in Iraq was a worthwhile effort, and 10% support the use of the military to spread democracy in other countries.

<sup>18</sup> Tradução livre de: “Sadly, it is commonplace for minority groups and their leaders to be painted as a threat and vilified, even by the government” (CAIR, 2006c, p. 1-2).

as pessoas cujo pavor anti-muçulmano seria contido se fosse dirigido a outras minorias. Também inclui uma série de blogueiros que cortam e colam materiais produzidos por terceiros.<sup>19</sup>

(CAIR, 2010, p. 12)

Tais grupos reproduziriam os “oito modos de Islamofobia”, que são originalmente apresentados no relatório do *The Runnymede Trust*<sup>20</sup>. Tais visões constituem apreensões de que o islã: 1) forma um bloco monolítico, sem diversidade interna, que resiste às novas realidades e mantém-se estático perante quaisquer questões sociais; 2) é segregado, separado, não compartilhando valores comuns com outras culturas, não as afetando e não sendo influenciado por elas; 3) é inferior ao Ocidente idealizado; 4) é uma ideologia inimiga, promotora de violência e terrorismo, empenhada em vencer o “choque de civilizações”; 5) reduz-se a uma ideologia mobilizada para fins militares ou políticos; 6) é impassível ao criticismo Ocidental, não sendo responsivo; 7) é digno de ser hostilizado; e 8) o antagonismo violento ao islã e muçulmanos deve ser natural (THE RUNNYMEDE TRUST, 1997)<sup>21</sup>.

O relatório elenca os expoentes no combate à islamofobia (CAIR, 2010, p. 13-15) e às pessoas e instituições profissionalmente envolvidas com a produção e difusão de discursos islamofóbicos (CAIR, 2010, p. 16-20), oferecendo uma visão panorâmica desses agentes sociais. O crescimento de grupos islamofóbicos demonstra a aceitação social de comentários que depreciam o islã e os muçulmanos *pari passu* ao aumento de crimes de ódio contra americanos de origem árabe, muçulmanos e *sikhs* após 11 de setembro de 2001 (CAIR, 2010, p. 24). O preconceito contra os *sikhs* ressaltaria o caráter racista da islamofobia, uma vez que não são muçulmanos e vagamente remetem ao islã por suas vestimentas e aparência.

Os atos islamofóbicos registrados incluem desde a discriminação antimuçulmanos, o preconceito no espaço de trabalho, escolar, demais espaços públicos, vandalismo contra mesquitas etc. (CAIR, 2010, p. 29-36). Nas entrevistas realizadas para a composição do relatório, os entrevistados afirmaram que a islamofobia deve ser combatida como devem ser

---

<sup>19</sup> Tradução livre de: “Promoters of Islamophobia are those individuals and institutions who opportunistically use Islamophobic materials to advance their own agenda. This agenda is sometimes anti-Muslim in nature but can have other objectives. This category frequently includes individuals seeking public office. It can include media outlets that provide a legitimizing platform for people whose anti-Muslim fearmongering would be shunned if it was directed at other minorities. It also includes a number of bloggers who cut and paste materials produced by others” (CAIR, 2010, p. 12).

<sup>20</sup> Para uma ampliação da discussão sobre os “oito modos de Islamofobia”, cf. GREEN, 2015, p. 12-19.

<sup>21</sup> A cada uma dessas visões fechadas corresponderiam outras oito visões abertas — constantes no mesmo relatório.

combatidos a xenofobia e o racismo (CAIR, 2010, p.38), concluindo que “[i]ncontestada, a Islamofobia continuará a aumentar”<sup>22</sup> (CAIR, 2010, p. 39).

Os relatórios *The American Mosque 2011* (BAGBY, 2011a; 2011b) trazem apreensões sobre os dirigentes de mesquitas, suas atividades sociais (como as atividades inter-religiosas), a participação de tais mesquitas na construção de uma identidade islâmica própria e a apreensão das hostilidades da sociedade estadunidense contra os muçulmanos. A partir desses relatórios, é visível a presença dos muçulmanos na sociedade: contata-se que o fato da “integração cultural” predomina sobre a retórica do “choque de civilizações”.

No relatório *American Muslim Voters and the 2012 Election* (CAIR, 2012), temos as seguintes conclusões no relatório que indicam a ampliação do eleitorado muçulmanos de 2006 para 2012:

- 91% dos eleitores muçulmanos registrados pretendem votar nas eleições presidenciais deste ano.
- 25% dos eleitores muçulmanos ainda estão indecisos sobre em quem votarão nesta eleição presidencial.
- 68% dos eleitores muçulmanos disseram que votarão para reeleger o presidente Obama enquanto 7% disseram que votarão no governador Mitt Romney.
- 55% dos eleitores muçulmanos se consideram moderados, enquanto 26% consideram-se liberais e 16% se consideram conservadores.
- O percentual daqueles que disseram estarem mais próximos ao Partido Democrata cresceu de 49% em uma pesquisa similar realizada em 2008 para 66% hoje.
- A afiliação ao Partido Republicano se manteve quase a mesma: 8% em 2008 e 9% atualmente [2012].
- 49% dos respondentes afirmaram que o Partido Democrata era amigável com muçulmanos, enquanto 12% fizeram essa afirmação sobre o Partido Republicano.
- 51% dos entrevistados disseram que o Partido Republicano não era amigável com os muçulmanos enquanto 6% disseram que o Partido Democrata é hostil.
- Os cinco principais problemas mais importantes para os eleitores muçulmanos americanos são os empregos e a economia, a educação, política de saúde, o *Medicare*, a Seguridade Social e os direitos civis.
- Em questões internacionais, 68% dos entrevistados dizem que os Estados Unidos devem apoiar os que lutam pela liberdade na Síria e 76% dizem que os Estados Unidos e a OTAN tomaram a decisão certa ao intervirem na revolução da Líbia.
- 35% dos entrevistados disseram terem sofrido com estereótipos ou discriminação, religiosa ou étnica, após o 11 de Setembro. 35% dos

---

<sup>22</sup> Tradução livre de: “Unchallenged, Islamophobia will continue to increase” (CAIR, 2010, p. 39).

entrevistados também disseram terem vivenciado tratamento positivo por vizinhos ou colegas de trabalho nesse período.

- A metade dos entrevistados frequentou alguma mesquita pelo menos uma vez no mês.

- 70% dos entrevistados dizem ter um diploma superior de quatro anos ou de pós-graduação – em comparação com 34% da população votante em geral.

- 65% dos entrevistados identificaram o *Council on American-Islamic Relations* (CAIR) como a organização que melhor representa os interesses dos muçulmanos americanos.<sup>23</sup>

(CAIR, 2012, p. 2)

Em *Legislating Fear* (CAIR, 2013), o CAIR objetivou um aprofundamento da discussão sobre a rede de islamofobia nos EUA, utilizando pela primeira vez as definições de Círculo Interno e Círculo Externo (cf. abaixo) na produção de preconceito anti-islã e antimuçulmanos (CAIR, 2013). Também relata-se que foram propostas 78 emendas e projetos de lei de teor islamofóbico nos anos de 2011 e 2012, além de uma aceitação pública maior ainda do que no passado da retórica islamofóbica, assim como sua reprodução (CAIR, 2013, p. VI-VII). Há o registro da receita dedicada aos grupos islamofóbicos: US\$119,662,719 (CAIR, 2013, p. 1). Os grupos do Círculo Interno (37 no total) são identificados: variam de grandes organizações de projeção nacional e internacional<sup>24</sup>, como *ACT! For America*, o *Center for Security Policy*, *Jihad Watch*, *Atlas Shrugs* e o *Investigative Project on Terrorism* até grupos de projeção local ou regional, operando em municípios e estados (CAIR, 2013, p. 3-5).

---

<sup>23</sup> Tradução livre de: “• 91% of registered Muslim voters intend to vote in this year’s presidential election. • 25% of Muslim voters are still undecided about who to vote for in this presidential election. • 68% of Muslim voters said they will vote to re-elect President Obama, while 7% said they will vote for Governor Mitt Romney. • 55% of Muslim voters consider themselves moderate, while 26% consider themselves liberal, and 16% consider themselves conservative. • The percentage of those who said they are closer to the Democratic Party grew from 49% in a similar poll taken in 2008 to 66% today. • Affiliation with the Republican Party remained nearly the same, 8% in 2008, and 9% today. • 49% of respondents said that the Democratic Party was friendly towards Muslims, while 12% said that the Republican Party was friendly. • 51% of respondents said that the Republican Party was unfriendly towards Muslims, while 6% percent said that the Democratic Party was unfriendly. • The top five important issues to American Muslim voters are jobs and the economy, education, health care policy, Medicare and Social Security, and civil rights. • On international issues, 68% of respondents say the United States should provide support to those fighting for freedom in Syria and 76% say the United States and NATO made the right decision by intervening in the Libyan revolution. • 35% of respondents say they have experienced religious or ethnic profiling or discrimination post-9/11. 35% of respondents also say they experienced kind treatment by neighbors or coworkers in that period. • Half of those polled attend a mosque at least once a month. • 70% of respondents say they have a four-year or graduate degree, compared to 34% of the general voting population. • 65% of respondents identified the Council on American-Islamic Relations (CAIR) as the organization that best represents the interests of American Muslims” (CAIR, 2012, p. 2).

<sup>24</sup> Tais grupos possuem matérias que inclusive são traduzidas para a língua portuguesa, projetando discursos islamofóbicos internacionais em *blogs* e redes sociais – essa “islamofobia por tradução” ainda está por ser investigada em seus agentes sociais e principais fontes de informação.

Contata-se o financiamento de grupos islamofóbicos por grupos maiores, como o *Middle East Forum* realizando repasses para o *Investigative Project on Terrorism, Middle East Media Research Institute* e o *David Horowitz Freedom Center* (CAIR, 2013, p. 7), de modo que as redes de preconceito se financiam e oferecem suporte mútuo — estrutura tal que não seria surpreendente se constatada em países europeus<sup>25</sup> ou na “proto-indústria brasileira da islamofobia”<sup>26</sup>. Existira entre os membros do Círculo Interno e do Círculo Externo um “relacionamento mutuamente benéfico, onde ideologias e tendências políticas convergem para avançar a mesma agenda”<sup>27</sup> (LEAN, 2012, p. 66).

O relatório ainda descreve grupo por grupo, bem como algumas de suas principais declarações, do Círculo Interno (CAIR, 2013, p. 17-36) — os do Círculo Externo seriam tratados em documentação posterior. Os principais temas islamofóbicos no período mobilizados são repertoriados: 1) o islã não é uma religião; 2) se o islã é uma religião, é extremista por definição; 3) todos os muçulmanos são violentos; 4) os muçulmanos planejam dominar os EUA e destruir a Constituição; 5) a Irmandade Muçulmana está por trás de todo e qualquer muçulmano; 6) não existiria um sentimento antimuçulmano, mas sim a exposição da verdade sobre o islã; e 7) a proposta de uma solução final contra o islã e os muçulmanos (CAIR, 2013, p. 37-38).

Também se fazem dignas de nota as estratégias dos grupos xenofóbicos de direita para a vilificação dos muçulmanos. São oito estratégias: 1) enquadrar todos os muçulmanos americanos como perigosos para a segurança nacional; 2) distorcer estatísticas e enviesar as pesquisas para “provar” a ameaça islâmica; 3) disseminar o pavor à *sharia*; 4) associar a ideia de “defesa da liberdade” à guerra, ideológica ou literal, contra os muçulmanos; 5) afirmar

---

<sup>25</sup> Passível de averiguação, país por país europeu, em BAYRAKLI; HAFEZ, 2017. Excluímos os dados provenientes de outros relatórios devido ao limite de escopo do presente artigo.

<sup>26</sup> Afirma-se tratar de uma proto-indústria brasileira da islamofobia, uma vez que são recentes os protagonistas de discursos exclusivamente islamofóbicos e que operam, predominantemente, via a tradução de conteúdos estrangeiros que estereotipam os muçulmanos no Brasil, sejam nativos, sejam imigrantes. Os agentes sociais nacionais anti-islã ou antimuçulmanos ainda não foram formalmente investigados; estão sendo pesquisados para elaboração de pesquisas subsequentes que se embasarão também no presente artigo. Todavia, a estrutura nacional é semelhante à internacional: operam principalmente nos ambientes virtuais (via *blogs*, como o *Senso Incomum e Lei Islâmica em Ação*, e páginas em redes sociais), possuindo manifestações *offline* (como nos casos da pichação da Mesquita Brasil no início de 2015 ou da manifestação anti-lei da imigração, de teor claramente xenofóbico e islamofóbico, encabeçada pelo movimento Direita São Paulo no começo de maio de 2017), e dirigindo sua violência contra as mulheres muçulmanas (vide GARCIA, 2015). As estratégias de preconceito servem-se da apropriação seletiva do discurso dos muçulmanos, sua deturpação e relação com questões internacionais — apesar da tentativa recente pelo Movimento Direita São Paulo de “forjar” um atentado no Brasil.

<sup>27</sup> Tradução livre de: “relationship of mutual benefit, where ideologies and political proclivities converge to advance the same agenda” (LEAN, 2012, p. 66).

que o islã não é uma religião; 6) afirmar que os muçulmanos não possuem os direitos garantidos pela Primeira Emenda constitucional dos EUA; 7) relacionar o preconceito antimuçulmano à retórica anti-Obama; e 8) afirmar a existência de uma “aliança profana” existente entre muçulmanos e outros grupos, como os Comunistas (CAIR, 2013, p. 38).

Tais estratégias foram disseminadas de diversos modos: houve até a contratação por parte do FBI de agências islamofóbicas para treinamento de elaboração de discursos para candidatos do Partido Republicano. O recurso ao treinamento enviesado antimuçulmano e essas falas por agentes públicos demonstram que não haveria nenhum estigma negativo em associar-se aos grupos islamofóbicos (CAIR, 2013, p. 42). Pelo contrário: associar-se aos grupos islamofóbicos seria inclusive um dos elementos para que o discurso de preconceito tenha adesão dentre os agentes sociais dos setores direitistas, conservadores e xenofóbicos (LEAN, 2012). Os maiores combatentes da islamofobia são repertoriados (CAIR, 2013, p. 45-51), assim como são os seus maiores propagadores (CAIR, 2013, p. 52-56), no período de 2011 a 2012. Isso demonstra a fluidez da relevância dos grupos na produção e combate da islamofobia, surgindo novos produtores de discursos islamofóbicos e estratégias de combate a tais discursos. Todavia, no período aumentou a percepção de que os muçulmanos trabalham para a destruição da Constituição (CAIR, 2013, p. 60). Juntamente com essa percepção, houve o aumento de “leis anti-islã” e da aceitação pública de sanções legais aos muçulmanos devido única e exclusivamente à religião (CAIR, 2013, p. 59-74).

A naturalização da retórica islamofóbica também é identificada através do canal de notícias *Fox News* (CAIR, 2013, p. 77), demonstrando o papel da mídia em reforçar tal retórica. O mito de que “Obama é muçulmano” também se difundiu no período, principalmente entre os republicanos: 30% deles afirmaram concordar tal afirmação (CAIR, 2013, p. 90). Foram propostas medidas contra os estudantes muçulmanos e a presença do islã nos textos escolares (CAIR, 2013, p. 103-104), registrados 29 ataques contra mesquitas (CAIR, 2013, p. 105) e a emergência de organizações com “treinamentos antimuçulmanos” que prestaram serviços ao governo (CAIR, 2013, p. 115-22) — ou seja, financiados com dinheiro público e sem qualquer relação direta com os muçulmanos, somente com aqueles que se posicionam enquanto antagonistas ao islã e seus fiéis.

No relatório *Confronting Fear* (CAIR, 2016a), afirma-se que a “Islamofobia é idêntica a outras formas de preconceito que enfraquecem os ideais americanos”<sup>28</sup> (CAIR, 2016a, p. VII). Enquanto novas tendências dos grupos islamofóbicos nos EUA, relata-se o surgimento de “empresas livres de muçulmanos” (*muslim free-businesses*) e o registro de demonstrações armadas antimuçulmanos (CAIR, 2016a, p. VIII, p. 57 em diante, e p. 61 em diante).

O relatório nos traz ainda uma definição atualizada de islamofobia:

A islamofobia é um medo artificial ou um preconceito fomentado pela estrutura de poder global eurocêntrica e orientalista existente. Ela se direciona a uma ameaça muçulmana real ou percebida através da manutenção e extensão das disparidades existentes nas relações econômicas, políticas, sociais e culturais, enquanto racionaliza a necessidade de implantar a violência como uma ferramenta para alcançar a "reabilitação civilizacional" das comunidades-alvo (muçulmanas ou não). A islamofobia reintroduz e reafirma uma estrutura racial global através da qual as disparidades de distribuição de recursos são mantidas e estendidas.<sup>29</sup>

(CAIR, 2016a, p. X)

Temos ainda a descrição de organizações enquanto pertencentes ao Círculo Interno, “[g]rupos cujo propósito principal é promover preconceito e ódio contra o Islã e os muçulmanos e cujos trabalhos comumente demonstram temas islamofóbicos”<sup>30</sup> e ao Círculo Externo, “[g]rupos cujo propósito principal aparentemente não inclui a promoção do preconceito ou ódio contra o Islã e os muçulmanos, mas cujos trabalhos regularmente demonstram ou apoiam temas islamofóbicos”<sup>31</sup> (CAIR, 2016a, p. 11). Esses grupos formam uma rede de produção de conteúdos islamofóbicos, com mais de setenta grupos, e apresentaram uma receita, do período de 2008 a 2013, de mais de US\$200,000,000 (CAIR, 2016a, p. 14).

---

<sup>28</sup> Tradução livre de: “Islamophobia is identical to other forms of prejudice and undermines American ideals” (CAIR, 2016a, p. VII).

<sup>29</sup> Tradução livre de: “Islamophobia is a contrived fear or prejudice fomented by the existing Eurocentric and Orientalist global power structure. It is directed at a perceived or real Muslim threat through the maintenance and extension of existing disparities in economic, political, social, and cultural relations, while rationalizing the necessity to deploy violence as a tool to achieve “civilizational rehab” of the target communities (Muslim or otherwise). Islamophobia reintroduces and reaffirms a global racial structure through which resource distribution disparities are maintained and extended” (CAIR, 2016a, p. X).

<sup>30</sup> Tradução livre de: “Groups whose primary purpose is to promote prejudice against or hatred of Islam and Muslims and whose work regularly demonstrates Islamophobic themes”.

<sup>31</sup> Tradução livre de: “Groups whose primary purpose does not appear to include promoting prejudice against or hatred of Islam and Muslims, but whose work regularly demonstrates or supports Islamophobic themes” (CAIR, 2016a, p. 11).

Desde o relatório anterior já havia a indicação de grupos do Círculo Interno e do Círculo Externo de produção e promoção da islamofobia, mas o aprofundamento dado neste relatório demonstra o acirramento desses preconceitos. Por exemplo, tem-se a produção de matéria legal islamofóbica por senadores (CAIR, 2016a, p. 19 em diante) — na maioria republicanos. A inclusão de explicações sobre o islã nos livros escolares é criticada:

Pelo menos dois estados, Florida e Tennessee, aprovaram leis que revisam a forma como aprovam os livros didáticos para uso em sala de aula como resultado direto de campanhas anti-Islã. Em muitos casos, o mero ato dos professores informarem seus alunos sobre os princípios do sistema de crenças do Islã gerou reações e alegações de tentativas de doutrinação dos estudantes para que se tornem muçulmanos.<sup>32</sup>

(CAIR, 2016a, p. 25)

Os ataques às mesquitas são relatados também (CAIR, 2016a, p. 35 em diante), traçando uma rede de violências que perpassam desde a agressão simbólica aos muçulmanos até a violência efetivamente física (dano à propriedade, no caso). A metodologia de coleta de dados sobre incidentes de vandalismo às mesquitas deu-se a partir de pesquisa nos noticiários e dos relatos enviados ao CAIR. Os dados são apresentados também por estado, com prevalência de ataques no estado do Texas (CAIR, 2016a, p. 36-37).

Em pesquisa do *Washington Post* sobre as estatísticas do FBI, concluiu-se que a ocorrência dos crimes de ódio contra muçulmanos é cinco vezes maior do que no período pré-11 de setembro (CAIR, 2016a, p. 43). O relatório também cita dois estudos da Universidade de Connecticut que identificaram uma propensão dos empregadores em repudiar trabalhadores muçulmanos (CAIR, 2016a, p. 43).

O CAIR também observou que a islamofobia nos EUA dá-se em diferentes ciclos de intensidade (CAIR, 2016a, p. 43). Tais ciclos seriam iniciados por eventos-gatilho, desencadeando reações islamofóbicas em cadeia nos meios midiáticos. O CAIR trará o entendimento de que a mídia é islamofóbica quando frequentemente propaga imagens negativas dos muçulmanos em detrimento de outras ações da comunidade (CAIR, 2016a, p. 45 em diante). Existiriam também grupos dedicados exclusivamente à produção de

---

<sup>32</sup> Tradução livre de: “At least two states, Florida and Tennessee, have passed laws revising the way they approve textbooks for classroom use as a direct result of anti-Islam campaigns. In many instances, teachers simply informing students of the tenets of Islam’s central belief system generated backlash and allegations of attempts to indoctrinate students to become Muslims” (CAIR, 2016a, p. 25).

conteúdos islamofóbicos, o que caracterizaria a Indústria da Islamofobia ou a Islamofobia Profissional estadunidense.

São apresentados também relatos sobre os políticos islamofóbicos (CAIR, 2016a, p. 47 em diante); listadas as demonstrações armadas anti-islâmicas, quando as pessoas portam armas contra muçulmanos presencialmente ou em ambientes virtuais (CAIR, 2016a, p. 57 em diante); e o surgimento de *Muslim-free businesses*, “empresas livres de muçulmanos” (CAIR, 2016a, p. 60 em diante) — ou seja, empresas que não contratam nem atendem muçulmanos. O CAIR também identifica o surgimento de empresas especializadas no oferecimento de treinamentos antimuçulmanos que, para se justificarem, difundem informações em uma perspectiva avessa ao que a maioria dos muçulmanos creem ou praticam (CAIR, 2016, p. 63).

No relatório *Islamophobia in the 2016 Presidential Election* (CAIR, 2016b), o CAIR apresenta discursos e ocasiões nos quais os candidatos à presidência e demais políticos envolvidos no pleito estimularam a islamofobia em afirmações pós-declaração de intenção de voto ou participação no pleito. São profusos os relatos, indicando desde o interesse pela institucionalização de atos legais que estigmatizam os muçulmanos à propagação de estereótipos e preconceitos<sup>33</sup>.

Em seu relatório mais recente, *The Empowerment of Hate* (CAIR, 2017), relata-se que os crimes de ódio contra muçulmanos cresceram no período de 2014 a 2016 em 584% (CAIR, 2017, p. 2). Os dados para o período relatam o aumento dos incidentes de preconceito contra muçulmanos, de 1.341 em 2014 para 1.409 em 2015 e 2.213 em 2016, assim como o aumento dos crimes de ódio contra muçulmanos, que passaram de 38 em 2014 para 180 em 2015 e 260 casos em 2016 (CAIR, 2017, p. 6). Os principais tipos de abuso foram identificados através dos relatos da comunidade muçulmana, tendo, no ano de 2016, ocorrido 330 casos de assédio, 341 inquéritos pelo FBI, 260 crimes de ódio, 180 casos de negação de acomodações religiosas (em espaços prisionais principalmente) e 281 relatos de preconceito no espaço de trabalho (CAIR, 2017, p. 7). Tais ocorrências foram registradas nos domicílios dos muçulmanos, na escola ou faculdade, em estabelecimentos comerciais, em

---

<sup>33</sup> Muitas das alegações possuem um teor orientalista, mesmo o Orientalismo não sendo sinônimo de Islamofobia — apesar de justificá-la em alguns momentos, como pela obra de Bernard Lewis. Em sua obra, Green (2015) identificará o Orientalismo com um discurso mais acadêmico enquanto a islamofobia teria o embasamento no senso-comum e nas apreensões intelectualmente menos complexas. Enquanto o orientalista dá assessoria ao político profissional, o islamofóbico produz discursos de ódio, *offline* e *online*, e violências ao patrimônio, por exemplo.

terminais de transporte público, em mesquitas (CAIR, 2017, p. 7), demonstrando que a islamofobia ocorre independentemente dos espaços, dada a sua penetração no *habitus* estadunidense.

Os principais gatilhos de incidentes de preconceito contra muçulmanos em 2016 foram etnicidade / nacionalidade (771), véu / *hijab* (346), lugares de adoração (133), nome (167) e outras atividades dos muçulmanos, como piqueniques, encontros etc. (240) (CAIR, 2017, p. 8). Os estudos de caso (CAIR, 2017, p. 10-13) descrevem algumas das principais ocorrências, seguido pela descrição da islamofobia em políticos e candidatos ao pleito de 2016 (CAIR, 2017, p. 14-17). Os impactos da islamofobia chegaram nos espaços educacionais, afetando estudantes muçulmanos (CAIR, 2017, p. 23), além de que os escritórios do CAIR passaram a sofrer ataques islamofóbicos — desde e-mails de ódio e ameaças de morte ao envio de Alcorões vandalizados (CAIR, 2017, p. 33).

## **2. Apontamentos sobre a Islamofobia Profissional e a Indústria da Islamofobia**

Uma das principais consequências da Islamofobia é tornar os muçulmanos alvos de suspeita ou mesmo de hostilidade. Uma vez que são tomados enquanto inimigos, aos muçulmanos não é dado o direito de falarem por si mesmos; quando o fazem, não são ouvidos. “Eles não detêm o poder de controlar a narrativa pública sobre o Islã”<sup>34</sup> (GREEN, 2015, p. 205). Daí relevarmos a importância dos relatórios do CAIR: são textos de muçulmanos, pesquisando muçulmanos, relatando violências contra muçulmanos e apresentando dados de integração destes à sociedade estadunidense. Contra as narrativas enviesadas dos islamofóbicos, os dados apresentam uma situação muito mais complexa e muito menos antagônica do que se supõe. Todavia, os grupos produtores de discursos islamofóbicos estão cada vez mais se especializando e se difundindo.

A Islamofobia Profissional é constituída por um grupo de políticos conservadores, ativistas de direita, blogueiros e até mesmo muçulmanos descontentes ou ex-muçulmanos que fazem carreira demonizando muçulmanos e árabes. [...] a islamofobia profissional tem poderosas

---

<sup>34</sup> Tradução livre de: “They lack the power to control the public narrative of Islam” (GREEN, 2015, p. 205).

plataformas políticas, midiáticas e editoriais para gerar e exacerbar as ansiedades Ocidentais em relação ao "Outro" muçulmano.<sup>35</sup>

(GREEN, 2015, p. 205-206)

O princípio da “culpa por associação” (*guilt-by-association*) (GREEN, 2015, p. 210) é mobilizado pela Islamofobia Profissional. As violências cometidas por pessoas muçulmanas são tomadas como representantes do Islã e dos muçulmanos, de modo que haveria algo de errado com a religião que justificaria combatê-la, restringi-la ou agir de outros modos ultrajantes frente a um grupo tão heterogêneo de indivíduos<sup>36</sup>. A generalização e a homogeneização, nublando tanto as distinções profundas quanto as sutilezas das comunidades, são amplamente mobilizadas:

Quase todos os elementos fundantes da islamofobia manifestam-se de forma proeminente em seus escritos, discursos e entrevistas: o Islã como monolítico, outro, inferior, manipulador e assim por diante. Nuances, complexidades e investigação crítica, ao contrário, estão ausentes de seus trabalhos. A razão para isso não é difícil de identificar. O medo do Islã, e não a complexidade do Islã, é o que “vende” no final.<sup>37</sup>

(GREEN, 2015, p. 232)

Esse aspecto financeiro é indicado nos relatórios do CAIR, que utilizam a expressão de Indústria da Islamofobia para compreender esse fenômeno. Não devemos esquecer que os EUA possuem um histórico de preconceito e perseguição contra minorias (LEAN, 2012), sendo recorrente a perseguição e sua consequente vilificação por parte dos agentes sociais dominantes. Contemporaneamente, “[o] bicho-papão islâmico representa o mais novo capítulo da longa história das estórias de monstros dos Estados Unidos”<sup>38</sup> (LEAN, 2012, p. 39). O muçulmano é então apropriado enquanto inimigo pelo discurso xenofóbico, seja por políticos profissionais da Direita, seja por movimentos evangélicos (neo-pentecostais

---

<sup>35</sup> Tradução livre de: “Professional Islamophobia is constituted by a cadre of conservative politicians, right-wing activists and bloggers, and even disgruntled Muslims or ex-Muslims who make a career of demonizing Muslims and Arabs. [...] professional Islamophobia have powerful political, media, and publishing platforms from which to generate and exacerbate Western anxieties toward the Muslim ‘Other’” (GREEN, 2015, p. 205-206).

<sup>36</sup> Conforme pesquisas empíricas constatam nacional e internacionalmente – cf. PINTO, 2010.

<sup>37</sup> Tradução livre de: “Almost every one of the building blocks of Islamophobia appears prominently in their writings, speeches, and interviews: Islam as monolithic, other, inferior, manipulative, and so forth. Nuance, complexity, and critical inquiry, by contrast, are absent from their work. The reason for this is not difficult to pinpoint. The fear of Islam, not the complexity of Islam, is what “sells” in the end” (GREEN, 2015, p. 232).

<sup>38</sup> Tradução livre de: “The Islamic bogeyman represents the newest chapter in America’s long history of monster stories” (LEAN, 2012, p. 39).

protestantes, na maioria) fundamentalistas<sup>39</sup>. Os preconceitos e ansiedades são mobilizados então por um

grupo de indivíduos – uma indústria da islamofobia – que usam imagens amedrontadoras, linguagem emotiva, estereótipos exagerados e a repetição para exacerbar os temores de uma presença muçulmana gargantuesca, sempre à espreita. *Esta indústria é, em grande parte, mas não exclusivamente, composta por ativistas ideologicamente orientados à direita, muitos dos quais se identificam como cristãos evangélicos, e que encontraram um coro de entusiastas com ideias afins no movimento Tea Party e em vários grupos marginais políticos e sociais.*<sup>40</sup>

(LEAN, 2012, p. 40. Grifos nossos)

A relação entre islamofobia e internet também é ressaltada: com o uso dos ambientes virtuais, os discursos islamofóbicos passam a circular em uma velocidade nunca antes vista, ao contrário do ódio anterior contra católicos e irlandeses que era propagado em púlpitos e escritórios governamentais (LEAN, 2012, p. 40). “A escalada retórica [da islamofobia] que a Internet favorece é também resultado da interconectividade daqueles que, situado a quilômetros ou mesmo separados por continentes, procuram difundir o mesmo tipo de ódio”<sup>41</sup> (LEAN, 2012, p. 51). Por essa razão que eventos que ocorrem na Europa passam a repercutir negativamente contra muçulmanos nos EUA e vice-versa — ou mesmo no Brasil.

A xenofobia evangélica de direita vem afetando não somente os muçulmanos, mas também os negros e as populações indígenas (LEAN, 2012, p. 100) nos EUA, enquanto no Brasil atingem os Povos de Santo. Além disso, o setor evangélico da indústria da islamofobia possui uma renda milionária (LEAN, 2012, Cap. 3 em específico), capitalizando o medo e a ansiedade que eles mesmos acabam por gerar e difundir.

---

<sup>39</sup> Apreende-se uma situação análoga no Brasil, apesar das elaborações acadêmicas sobre o assunto ainda estarem por surgir.

<sup>40</sup> Tradução livre de: “cadre of individual – an industry of Islamophobia – that use lurid imagery, emotive language, charged stereotypes, and repetition, to exacerbate fears of a larger-than-life, ever-lurking Muslim presence. This industry is largely, though not exclusively, comprised of ideologically driven, right-wing activists, many of whom identify themselves as evangelical Christians and have found a chorus of like-minded enthusiasts within the Tea Party movement and various political and social fringe groups” (LEAN, 2012, p. 40).

<sup>41</sup> Tradução livre de: “The rhetorical escalation that the Internet facilitates is also a result of the interconnectedness of those who, situated miles or even continents apart, seek to manufacture the same type of hate” (LEAN, 2012, p. 51).

## Considerações finais

*“A recusa de considerar visões do mundo diferentes da nossa separa-nos da universalidade humana e mantém-nos mais perto do polo da barbárie.”*

(Tzvetan Todorov, **O medo dos bárbaros**, 2010, p. 46)

Procuramos demonstrar a partir dos relatórios do CAIR que a islamofobia não é um fenômeno monofacetado, invariável em suas estratégias. Os interesses financeiros, políticos e geopolíticos influenciam na propagação e manutenção das ansiedades frente aos muçulmanos e ao islã. O Ocidente, idealizado enquanto lugar de civilização, democracia e diálogo, é o berço no qual os movimentos totalitários e xenofóbicos sustentarão a retórica de “nós contra eles” e do choque de civilizações. Se os relatórios do CAIR indicam algumas das ações que os muçulmanos poderiam tomar para mudarem sua imagem para os estadunidenses, os próprios estadunidenses (aqueles que são xenófobos) também haveriam de se empenhar na consideração do islã e dos muçulmanos em seus papéis de colaboradores e partícipes da construção do que se entende por Ocidente.

Por fim, tais relatórios são fontes importantes para delinear itinerários de pesquisa sobre a islamofobia em outros países, não só nos EUA. A metodologia implantada pelo CAIR, apesar de não ser uma instituição acadêmica, pode ser mobilizada para a geração de relatórios (sejam acadêmicos, sejam por grupos organizados da sociedade civil) na América Latina, por exemplo. Desse modo, o CAIR não oferece somente os principais dados sobre islamofobia e ocorrências de preconceito, seus agentes e estratégias, mas também finaliza cada um de seus relatórios com recomendações objetivas de ações para as comunidades muçulmanas. Assim como a metodologia aplicada é passível de transposição e validação no Brasil, as mesmas recomendações também podem ser aplicáveis após a devida tradução cultural. Todavia, não existe nenhuma instituição nacional com um papel semelhante ao do CAIR: se assumirmos como verdadeira a afirmação de que a islamofobia mesmo combatida tende a crescer, a islamofobia não combatida no Brasil já oferece e continuará oferecendo relatos não-arrolados enquanto dados, não repertoriados, subrepresentando as violências e preconceitos que a comunidade muçulmana brasileira sofre desamparada frente ao crescimento dos grupos de direita ufanistas e xenofóbicos.

## Referências

AWAN, Imran; ZEMPI, Irene. 'I will Blow your face off': Virtual and Physical World Anti-Muslim Hate Crime. *British Journal of Criminology*, [s.l.], 2015, p. 1-19. Oxford University Press (OUP). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1093/bjc/azv122>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

BAGBY, Ihsan; PERL, Paul M.; FROEHLE, Bryan T. *The Mosque in America: A National Portrait*. Washington, D.C.: Council on American-Islamic Relations, 2001. 62 p. Disponível em: <<https://www.cair.com/images/pdf/The-American-mosque-2001.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

BAGBY, Ihsan. *The American Mosque 2011: Basic Characteristics of the American Mosque Attitudes of Mosque Leaders*. Washington, D.C.: Council on American-Islamic Relations, 2011a. 29 p. Disponível em: <<https://www.cair.com/images/pdf/The-American-Mosque-2011-part-1.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. *The American Mosque 2011: Activities, Administration and Vitality of the American Mosque*. Washington, D.C.: Council on American-Islamic Relations, 2011b. 24 p. Disponível em: <<https://www.cair.com/images/pdf/The-American-Mosque-2011-part-2.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

BAYRAKLI, Enes; HAFEZ, Farid (Ed.). *European Islamophobia Report 2016*. Ankara, Istanbul, Washington, Cairo: SETA, 2017. 612 p. Disponível em: <[http://crg.berkeley.edu/sites/default/files/EIR\\_2016.pdf](http://crg.berkeley.edu/sites/default/files/EIR_2016.pdf)>. Acesso em: 19 jun. 2017.

CAIR (COUNCIL ON AMERICAN-ISLAMIC RELATIONS). *About* [s.d.]. Disponível em: <<http://islamophobia.org/about.html>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. *The status of muslim civil rights in the United States: the price of ignorance*. Washington, D.C.: Council on American-Islamic Relations, 1996. 48p. Disponível em: <[https://www.cair.com/images/pdf/1996-The\\_Status\\_of\\_Muslim\\_Civil\\_Rights\\_in\\_the\\_United\\_States\\_1996.pdf](https://www.cair.com/images/pdf/1996-The_Status_of_Muslim_Civil_Rights_in_the_United_States_1996.pdf)>. Acesso em: 04 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. *A Decade of Growth: CAIR Tenth Anniversary Report, 1994-2004*. Washington, D.C.: Council on American-Islamic Relations, 2004. 78 p. Disponível em: <[https://www.cair.com/images/pdf/10th\\_anniversary\\_report.pdf](https://www.cair.com/images/pdf/10th_anniversary_report.pdf)>. Acesso em: 04 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. *Western Muslim Minorities: Integration and Disenfranchisement*. Washington, D.C.: Council on American-Islamic Relations, 2006a. 10 p. Disponível em: <[https://www.cair.com/images/pdf/policy\\_bulletin\\_Integration\\_in\\_the\\_West.pdf](https://www.cair.com/images/pdf/policy_bulletin_Integration_in_the_West.pdf)>. Acesso em: 04 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. *American Public Opinion about Islam and Muslims*. Washington, D.C.: Council on American-Islamic Relations, 2006b. 10 p. Disponível em:

<[https://www.cair.com/images/pdf/american\\_public\\_opinion\\_on\\_muslims\\_islam\\_2006.pdf](https://www.cair.com/images/pdf/american_public_opinion_on_muslims_islam_2006.pdf)>. Acesso em: 04 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. *American Muslim Voters: A Demographic Profile and Survey of Attitudes*. Washington, D.C.: Council on American-Islamic Relations, 2006c. 17 p. Disponível em: <[https://www.cair.com/images/pdf/American\\_Muslim\\_Voter\\_Survey\\_2006.pdf](https://www.cair.com/images/pdf/American_Muslim_Voter_Survey_2006.pdf)>. Acesso em: 04 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. *Same Hate, New Target: Islamophobia and Its Impact in the United States January 2009-December 2010*. Washington, D.C., Berkeley: Council on American-Islamic Relations, University of California, 2010. 67 p. Disponível em: <<https://www.cair.com/images/pdf/2010-Islamophobia-Report.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. *American Muslim Voters and the 2012 Election: A Demographic Profile and Survey of Attitudes*. Washington, D.C.: Council on American-Islamic Relations, 2012. 19 p. Disponível em: <[https://www.cair.com/images/pdf/American\\_Muslim\\_Voter\\_Survey\\_2012.pdf](https://www.cair.com/images/pdf/American_Muslim_Voter_Survey_2012.pdf)>. Acesso em: 04 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. *Legislating Fear: Islamophobia and its impact in the United States*. Washington, D.C.: Council on American-Islamic Relations, 2013. 158 p. Disponível em: <<https://www.cair.com/images/islamophobia/Legislating-Fear.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. *Confronting Fear: Islamophobia and its Impact in the United States*. Washington, D.C. e Berkeley: Council on American-Islamic Relations e University of California, 2016a. 106 p. Disponível em: <<http://www.islamophobia.org/images/ConfrontingFear/Final-Report.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. *Islamophobia in the 2016 Presidential Election*. 2016b. Disponível em: <<http://www.islamophobia.org/158-key-issues-in-islamophobia/164-islamophobia-in-the-2016-presidential-election.html>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. *The Empowerment of Hate: Civil Rights Report 2017*. Washington, D.C.: Council on American-Islamic Relations, 2017. 36 p. Disponível em: <<http://www.islamophobia.org/images/2017CivilRightsReport/2017-Empowerment-of-Fear-Final.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

GARCIA, Carolina. Islamofobia no Brasil: muçulmanas são agredidas com cuspidas e pedradas. *Último Segundo*. Online, [s.p.]. 25 jan. 2015. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2015-01-25/islamofobia-no-brasil-muculmanas-sao-agredidas-com-cuspidas-e-pedradas.html>>. Acesso em: 19 jun. 2017

GREEN, Todd H. *The Fear of Islam: An Introduction to Islamophobia in the West*. Minneapolis: Fortress Press, 2015.

LEAN, Nathan. *The Islamophobia Industry: how the right manufactures fear of muslims*. Nova Iorque: Pluto Press, 2012.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Islã: religião e civilização: uma abordagem antropológica*. Aparecida: Santuário, 2010.

THE RUNNYMEDE TRUST (Inglaterra). *Comission On British Muslims And Islamophobia. Islamophobia: a challenge for us all*. Sussex: The Runnymede Trust, 1997. 70 p.

TODOROV, Tzvetan. *O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações*. Petrópolis: Vozes, 2010.